

Paulo Cardoso

INDÍCIOS DE OURO

Evocação de Mário Sá-Carneiro

Galeria S. Mamede
Abril 1990



GALERIA S. MAMEDE

Rua Escola Politécnica, 167-Tel. 67 32 55 – 66 86 91
1200 LISBOA – PORTUGAL

Nunca tanto como hoje, a Pintura – na sua acepção mais ampla – se viu imbuída por erros de interpretação tão desgostosos, por propostas tão irrelevantes ou por análises e observações tão desprovidas de naturalidade e fidelidade aos parâmetros precisos do bom senso.

Assumindo uma linguagem da "moda", a arte está no fulcro de grandes polémicas, quase todas conducentes a uma interpretação mais imediatista do que histórica, mais flagrante do que metódica. Esta realidade é aplicável tanto aos críticos ou observadores apaixonados (a diferença entre uns e outros é de ordem meramente técnica), como a quase todos os artistas – cujo papel social se desreferenciou e se transmuta cada vez mais para um "profissionalismo pictórico" carente na essência e fácil na concepção.

Quer, ainda, ao público que, mistificado pela concorrência desmedida das correntes da crítica, se tem muitíssimas vezes que colocar num papel de mero observador, situação apenas comparável à da plateia que assiste a uma peça de teatro neo-clássico.

Assim, cada dia que passa serve de pretexto para um sistema ludibriado pela necessidade de acreditar em mitos criados em geração espontânea. E estas observações não são críticas. São, antes, constatações sobre a realidade social em que vivemos, sobre a época confusa e delirante a que nos é dado assistir.

Por contingência histórica.

Mas a História, entidade abstracta fundamentada no concreto do presente que passa – reflectido –, é rica em contradições e contraditores, pois que a condição humana obriga à simultânea salvaguarda do "agora" e à sobrevivência do passado.

Da memória cultural.

Paulo Cardoso, refractário do acaso, é uma das mais importantes consciências estéticas dessa mesma memória e as suas telas a presença evidente de preocupações de ordem temporal e de sensibilidades – pois são várias – que tocam aspectos extremamente importantes da identidade e da coerência plásticas.

A sua relação qualificada com Mário de Sá-Carneiro, com a sua poesia, o seu simbolismo, a sua riqueza sugestivamente barroca, dá-lhe a autoridade necessária e suficiente para pintar a paixão do Poeta, sem que isto signifique que a sua temática seja uma "ilustração" dos poemas. A abordagem é inteiramente diferente, já que se situa nos domínios da empatia, das "impressões" sensíveis de um certo "decadentismo barroco" inerente à obra de Sá-Carneiro.

Assim, Paulo Cardoso, alquimista das côres que ele próprio fabrica, consegue, por inteiro, penetrar nos mesmos dados obscuros, fantásticos e estéticos que deram a Mário de Sá-Carneiro móbil para as suas viagens poéticas.

E isto é raro.

Com um percurso que vem do hiper-realismo e se tem tornado cada vez mais abstracto – a abstracção aparente, pois que em cada tela existe o conteúdo formal velado pela mancha e pelo gesto – Paulo Cardoso manifesta uma enorme autenticidade que nada tem a ver com a atitude fácil da côr pela côr ou da linba pela linba.

Sob o ponto de vista da composição, o equilíbrio das formas na tela correspondem àquilo a que se poderia chamar o "apelo do caos à ordem", em cenários do tempo expressos na mancha.

Os contornos – aparentemente inexistentes – são o mistério de uma linearidade suave mas bem expressa nos fluxos verticais que gotas de tinta em queda livre demarcam e que criam uma total dispersão de pontos centrais, não permitindo, deste modo, a leitura de sentido único. Mas não sempre.

Nalguns casos, a colocação em volume de pasta e de folha de ouro, cria fronteiras impenetráveis onde a única solução é descobrir um ponto apaixonante, uma forma sedutora, susceptíveis de enamoramento ou de amor.

É, sobretudo, nessas situações de encruzilhada que Paulo Cardoso revela mais a poética dos seus trabalhos que, em superfícies plasmáticas ou texturas rugosas captam a força do olhar e da intuição sensível, em movimento paradoxalmente estático, apenas comparável à paisagem de um mar tranquilo.

Belo, esse mar, onde só a paixão é possível.

Acredito profundamente que Paulo Cardoso seja um veículo autêntico de comunicação e de simultânea expressão auto – reflexiva, como detentor de um trabalho ímpar, capaz de se impôr como alternativa credível, já que multidisciplinar.

Quer no intuito, quer no método.

Quer na expressão, quer na finalidade

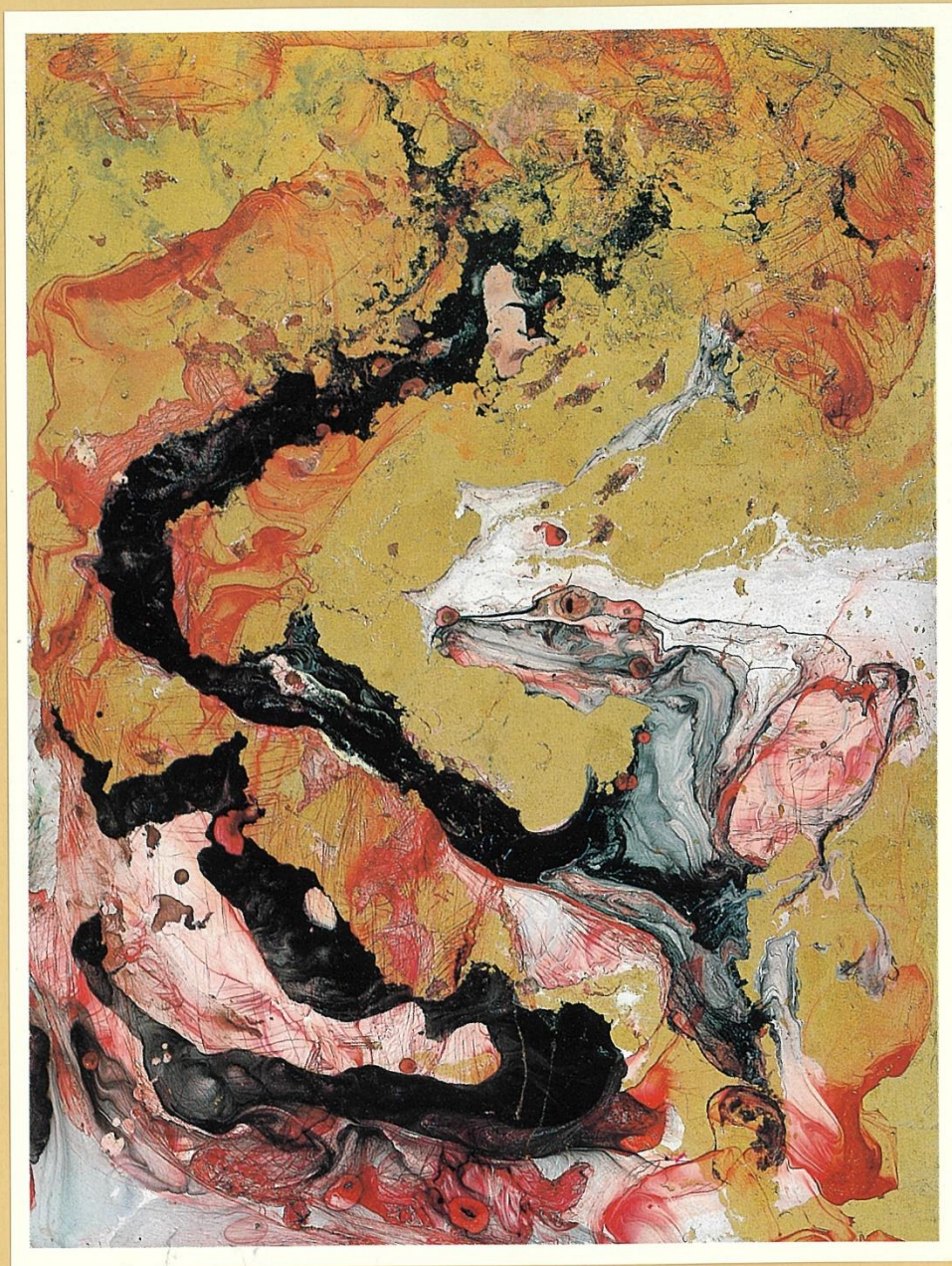
Quer no objecto, quer na poesia.

Porque a Poesia é a coisa mais séria do mundo.

Pedro Elosegui



7 - Técnica Mista sobre tela - 1989 130 x 97 cm



6 - Técnica Mista sobre tela - 1989 130 x 97 cm



14 - Técnica Mista sobre tela - 1990 100 x 81 cm



2 - Díptico - Técnica Mista sobre tela - 1989 146 x 228 cm



"In every corner of my soul, there
is an altar to a different god."

Fernando Pessoa

Paulo Cardoso nasceu em 1953 em Lisboa.

Depois de terminar o curso de Química, frequentou simultaneamente o Conservatório Nacional e a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.

Até 1974 foi experimentando sucessivamente o óleo, o pastel, o carvão, a gravura, até que nessa época passou a dedicar-se apenas ao trabalho com carvão, e mais raramente com pastel. Isso deu-lhe ao longo dos anos posteriores uma relação muito estreita com o papel, com a sua textura, a sua fragilidade e a sua força, os seus limites e as suas potencialidades.

Em 1977 desenvolve o seu interesse pela Astrologia e a partir de 1978 colaborou em vários espectáculos de música, teatro e cinema como cenógrafo e pintor: "Satie I", "Satie II", "Eric Satie-Picasso", "Stravinsky" e "O Bobo da Corte".

Em fins de 1978 publica um ensaio, no qual propõe uma leitura astrológica, alquímica e cabalística de uma obra do teatro português: Frei Luís de Sousa. Por analogia, este trabalho irá conduzi-lo à transcrição, ordenação e análise dos papéis astrológicos de Fernando Pessoa, trabalho esse a publicar brevemente.

A par do crescente empenhamento na Astrologia, Paulo Cardoso foi transportando para o desenho e para a gravura a linguagem simbólica dos astros: até 1985 os seus trabalhos são concebidos a preto e branco, percorrendo um caminho muito próximo do hiperrealismo. Adoptando uma via analista e formal na sua pintura, procura entender cada sinal do discurso astrológico – é a fase dos QUATRO ELEMENTOS, dos PLANETAS, dos SIGNOS, ... dos SÍMBOLOS. A partir do princípio de 1986 inicia uma forma de expressão mais englobante dos ritmos cósmicos: É já a afirmação pela cor, a tentação de articular e conjugar os elementos anteriores. Surgem as amálgamas de corpúsculos celestes e os turbilhões de estrelas. Nesta altura a sua ambição é pintar uma "Via láctea à escala humana", é sublinhar a relação entre aquilo que se vê pelo micro e pelo telescópio. A sua vocação é traduzir em fotogramas o eterno movimento entre a vida e a morte, o dia e a noite. Aquilo que o seduz, é a sincronia entre a pulsação do micro e do macrocosmos, ou a analogia entre as águas uterinas e as correntes de estrelas. A sua exposição individual em Março de 1987 na Galeria OFF ZÜRICH, em Zurich, foi já mostra deste período.

Em Julho e Agosto do mesmo ano participou em duas exposições colectivas: uma na Galeria Espiral, em Oeiras, e outra na Galeria R75 em Monteboro. Em Setembro outra individual, no Espaço Poligrupo/ Renascença em Lisboa, com o título – "A Terra Vista do Sétimo Céu". Aqui, narra a viagem da célula ao cosmos apresentando as pinturas agrupadas em sete zonas: "O Embrião", "As Águas Uterinas", "Os Bichos e os Frutos", "O Fundo dos Mares", "Os Infernos", "O Recorte dos Continentes" e "A Vertigem do Espaço".

Ainda em 1987 expõe colectivamente nos seguintes locais: Galeria do Casino, no Estoril, Espaço Interni, em Lisboa, e Galeria Sfumato, na Figueira da Foz. Em 1988 na Galeria EG no Porto, e "Pessoa em Lisboa" no Teatro de S. Carlos em Lisboa.

No decorrer de 1988, Paulo Cardoso faz um ensaio sobre a MENSAGEM de Fernando Pessoa no qual conclui que um dos propósitos do poeta ao conceber aquela obra, era sublinhar o ponto limite que separa a vida da morte e a morte da vida. Na sequência desta análise e no final do mesmo ano, Paulo Cardoso expõe de novo individualmente. Realizada em Paris, esta exposição pretendeu assinalar a data da morte de Fernando Pessoa no ano em que se comemorou o centenário do seu nascimento. Esta mostra, elaborada em torno de uma das três partes em que o poeta dividiu a MENSAGEM, e à qual ele atribuiu o título – "Mar Português" –, era constituída por doze telas relativas aos doze poemas que compõem a segunda parte ou corpo central daquela obra de Fernando Pessoa. Já que no referido ensaio, que tem por título "A MENSAGEM ASTROLÓGICA DA MENSAGEM", se define a intenção do poeta em estabelecer o paralelismo entre os doze poemas que compõem o MAR PORTUGUÊS e os doze signos do zodíaco, ficaram assim intencionalmente reunidas na mesma exposição três diferentes disciplinas: a Poesia, a Astrologia e a Pintura.

Em Junho de 1989 fez parte da exposição dos "Seleccionados do Prémio SOCTIP – Jovens Pintores", instituído anualmente por aquele Centro de Arte.

Em Janeiro e Fevereiro de 1990 participou em duas exposições colectivas: a primeira na Galeria Nártice e a segunda na Galeria do Centro de Arte SOCTIP.

Desde 1978 que Paulo Cardoso tem publicado trabalhos seus em jornais e revistas em Portugal, Espanha e França, e colaborado com depoimentos e entrevistas destinados à realização de documentários para as televisões portuguesa, brasileira e alemã.

Paulo Cardoso está representado na Colecção da Caixa Geral de Depósitos.

CATÁLOGO

- 1 – "Mastros quebrados, singro num mar de Ouro
Dormindo fogo, incerto, longemente...
Tudo se me igualou num sonho rente,
E em metade de mim hoje só moro..."

Tríptico, Técnica mista sobre tela 1990, 146 x 291 cm.

- 2 – "Aonde irei neste sem-fim perdido,
Neste mar oco de certezas mortas?—
Fingidas, afinal todas as portas
Que no dique julguei ter construído...

— Barças dos meus ímpetos tigrados,
Que oceano vos dormiram de Segredo?
Partiste-vos, transportes encantados,
De embate, em alma ao roxo, a que rochedo?..."

Ó nau de festa, ó ruiva de aventura
Onde, em Champanhe, a minha ânsia ia,
Quebraste-vos também ou, porventura,
Fundeaste a Ouro em portos de alquimia?..."

Díptico, Técnica mista sobre tela 1989, 146 x 228 cm.

- 3 – "Há Ouro marchetado em mim, a pedras raras,
Ouro sinistro em sons de bronzes medievais —
Jóia profunda a minha alma a luzes caras,
Cibório triangular de ritos infernais."

Técnica mista sobre tela 1989, 114 x 146 cm.

- 4 – "Caprichos de lilás, febres esguias,
Enlevos de Ópio — Íris-abandono...
Saudades de luar, timbre de Outono,
Cristal de essências langues, fugidias...

O pagem débil das ternuras de cetim,
O friorento das carícias magoadas;
O príncipe das Ilhas transtornadas —
Senhor feudal das Torres de marfim..."

Técnica mista sobre tela 1989, 146 x 114 cm.

- 5 – "Só de ouro falso os meus olhos se douram;
Sou esfinge sem mistério no poente.
A tristeza das coisas que não foram
Na minh'alma desceu veladamente."

Técnica mista sobre tela 1990, 114 x 146 cm.

- 6 – "Enroscam-se-lhe ao trono as serpentes doiradas
Que, César, mandei vir dos meus viveiros de África.
Mima a luxúria a nua — Salomé asiática...
Em volta, carne a arder — virgens supliciadas...

Mitrado de ouro e lua, em meu trono de esfinges —
Dentes rangendo, olhos de insónia e maldição —
Os teus coleios vis, nas infâmias que finges,
Alastram-se-me em febre e em garras de leão.

Sibilam os répteis... Rojas-te de joelhos...
Sangue te escorre já da boca profanada...
Como bailas o vício, ó torpe, ó debochada —
Densos sabbats de cio teus frenesis vermelhos..."

Técnica mista sobre tela 1989, 130 x 97 cm.

- 7 – "Heráldicas-luar sobre ímpetos de rubro,
Humilhações a lis, desforços de brocado;
Basílicas de tédio, arneses de crispado,
Insígnias de Ilusão, troféus de jaspé e Outubro..."

Técnica mista sobre tela 1989, 130 x 97 cm.

- 8 – "Um baile russo a mil cores,
Um Domingo de Paris —
Cofre de Imperatriz
Roubado por malfeteiros..."

Técnica mista sobre tela 1989, 73 x 100 cm.

- 9 – "Ao ver escoar-se a vida humanamente
Em suas águas certas, eu hesito,
E detenho-me às vezes na torrente
Das coisas geniais em que medito.

Afronta-me um desejo de fugir
Ao mistério que é meu e me seduz.
Mas logo me triunfo. A sua luz
Não há muitos que a saibam reflectir.

A minh'alma nostálgica de além,
Cheia de orgulho, ensombra-me entretanto,
Aos meus olhos ungidos, sobe um pranto
Que tenho a força de sumir também.

Porque eu reajo. A vida, a natureza,
Que são para o artista? Coisa alguma.
O que devemos é saltar na brumã,
Correr no azul à busca da beleza."

Técnica mista sobre tela 1989, 100 x 73 cm.

- 10 – "A horas flébeis, outonais –
Por magoados fins de dia –
A minha Alma é água fria
Em ânforas de Oiro... entre cristais..."

Técnica mista sobre tela 1989, 73 x 100 cm.

- 11 – "Num sonho de Íris morto a oiro e brasa,
Vem-me lembranças doutro Tempo Azul
Que me oscilava entre véus de tule –
Um tempo esguio e leve, um tempo-Asa.

Então os meus sentidos eram cores,
Nasciam num jardim as minhas ânsias,
Havia na minha alma Outras distâncias –
Distâncias que o segui-las era flores..."

Técnica mista sobre tela 1989, 73 x 100 cm.

- 12 – "É partir sem temor contra a montanha
Cingidos de quimera e de irreal;
Brandir a espada fulva e medieval,
A cada hora acastelando em Espanha."

Técnica mista sobre tela 1989, 100 x 81 cm

- 13 – "Tapetes de outras Pérsias mais Oriente...
Cortinados de Chinas mais marfim...
Áureos Templos de ritos de cetim...
Fontes correndo sombra, mansamente...

Zimbórios-panteões de nostalgias,
Catedrais de ser-Eu por sobre o mar...
Escadas de honra, escadas só, ao ar...
Novas Bizâncios-Alma, outras Turquias...

Lembranças fluidas... Cinza de brocado...
Irrealidade anil que em mim ondeia...
– Ao meu redor eu sou Rei exilado,
Vagabundo dum sonho de sereia..."

Técnica mista sobre tela, 1989, 81 x 100 cm.

- 14 – "Torne-se a abrir o Harém em festival,
(Harém de gaze, e as odaliscas de seda)...
Que se embandeire em mim o Arraial,
Haja bailes de Mim pela alameda!..."

Técnica mista sobre tela 1990, 100 x 81 cm.

Nota: para a transcrição dos poemas utilizaram-se as "Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro, Poesias, Edições Ática, Lisboa 1973".



4 - Técnica Mista sobre tela - 1989 146 x 114 cm

Produção-Galeria S. Mamede
Fotos – Eduardo Grilo – Luzes da Ribalta

Comp. impressão e acabamento
EUROLITHO, Impressores Gráficos
Abril 1990



GALERIA S. MAMEDE

Rua Escola Politécnica, 167-Tel. 67 32 55 – 66 86 91
1200 LISBOA – PORTUGAL